

## **Fast science, silenciamento e a mudança do clima**

Por: Oscar Xavier de Freitas Neto



“Se agirmos agora, ainda poderemos garantir um futuro sustentável e habitável para todos”, é o que o presidente do IPCC, o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas das Nações Unidas, Hoesung Lee declarou no lançamento do último relatório do painel em março de 2023. Para isso, de acordo com o relatório, as emissões dos gases do efeito estufa devem ser cortadas em 48% até 2030 para conter o aquecimento global em 1,5°C, meta prevista no Acordo de Paris. Se tomamos pelo histórico de ações insuficientes para conter o aquecimento, é provável que esse seja o último relatório que mostre que manter abaixo da meta ainda seja possível.

O relatório de síntese, lançado em março de 2023, é a finalização e resultado do sexto ciclo de avaliações que começou em 2018 com o lançamento do relatório especial sobre o aquecimento global de 1,5°C. Nele, é avaliado o estado da arte da ciência produzida sobre a mudança climática. Assim, é considerado o documento mais relevante sobre o tema e funciona como a principal fonte para informar governos nas negociações internacionais e ação climática.

Na ocasião do lançamento do relatório de síntese, o jornal Gazeta do Povo publicou uma matéria com o título: “Relatório da ONU sobre mudanças climáticas se afasta da ciência e cai no alarmismo”. Um ponto que me interessa é entender qual o sentido dado para o afastamento desse documento, produzido por cientistas, da ciência. Para isso, seleciono o seguinte recorte da notícia:

Apesar de a função do IPCC ser primariamente lidar com informação científica, o relatório fala que, para serem eficazes, as escolhas ‘precisam ser enraizadas em nossos valores, visões de mundo e saberes diversos, incluindo o científico, o Conhecimento Indígena e o conhecimento local’: o conhecimento indígena ganha iniciais maiúsculas, mas não o científico.

Como se vê, a função do IPCC é relacionada à informação científica

contraposta a valores, visões de mundo, saberes como o conhecimento indígena, que não deveriam estar lá. O que quero demonstrar é que é estabelecida uma divisão entre a ciência e a política, fatos e valores. Ainda que, no texto, isto esteja mobilizado em favor de um discurso negacionista, esta divisão faz parte de um processo mais abrangente da própria organização ocidental. Por essa perspectiva, a ciência não lida com valores e os fatos são de sua autoridade. Uma separação entre a natureza de um lado e a política do outro, é o que Latour (1994) chama de constituição moderna. Nesta acepção, a natureza é uma realidade exterior “que existe fora de nós e que não conta nem com nossas paixões nem com nosso desejo, ainda que sejamos capazes de mobilizá-la e de construí-la” (Latour, 1994, p. 87) e que é função da ciência traduzi-la.

A palavra ‘modernidade’, segundo Latour (1994, p. 15), está relacionada ao tempo e sua aceleração. Seu sentido está associado a dois fatos distintos e conectados. Se há uma modernidade, ela é entendida em contraste a um passado arcaico e, se há este passado, portanto, há uma vitória dos modernos sobre o passado. É uma história de vencidos e vencedores. O projeto moderno, portanto, está intimamente associado a um processo de avanço contínuo, conquista e civilização dos outros.

A clivagem ciência/política impõe a necessidade de a ciência estar protegida da perniciosidade da política para definir seus próprios caminhos. Determina uma divisão de tarefas que permitiu a aceleração da produção técnico-científica, já que colocou a ciência em uma posição privilegiada com liberdade e independência para desenvolver o que os cientistas quiserem sem considerar as consequências desses produtos científicos quando deixam os espaços de produção, as universidades, centros de pesquisas. E o que se sucede é que essa produção “desinteressada”, de fato, ajudou a construir e referendou esse projeto de conquista, um modelo de desenvolvimento insustentável que nos leva à destruição das condições que permitem que o planeta seja habitável.

Coloco a palavra “desinteressada” entre parênteses porque, em verdade, a produção científica, contraditoriamente, se coloca no lugar de resolver os problemas do mundo. O avanço científico é, necessariamente, relacionado ao avanço da humanidade. Como Stengers (2018) diz, os cientistas se veem como a galinha dos ovos de ouro, produzindo seus ovos de forma independente e que alguns desses, dourados, são aproveitados e viram produtos aproveitados pelo mercado e indústria. Mas Stengers brinca que, a bem da verdade, a galinha “é também um estrategista empreendedor” (Stengers, 2018, p. 116). Essa aceleração da ciência, Stengers denomina *fast science*:

O que caracteriza a fast science não é isolamento, mas trabalhar em um ambiente muito rarefeito, um ambiente dividido em aliados que importam e aqueles que, sejam quais forem suas preocupações e protestos, precisam reconhecer que são os destinatários finais dos benefícios dourados e, portanto, não devem perturbar o progresso da ciência (Stengers, 2018, p. 116).

A palavra de ordem é não desacelerar. Mais do que a velocidade, o que define a *fast science* é a marcha pretensamente imparável do progresso, a necessidade impreterível de avançar o conhecimento a qualquer custo. Considerar as consequências do que se produz quando deixa o ambiente de pesquisa, nesta perspectiva, é se distrair com questões que ultrapassam o processo de produção científico, é desacelerar.

Contudo, o que se observa é que mesmo essa presumida autonomia da ciência está em risco. Se a ciência sempre andou lado a lado com a indústria, cada vez mais a lógica de mercado captura os próprios processos de organização científica. Não é questão mais de apenas aproveitar os ovos dourados, mas direcionar a própria produção a partir da lógica do mercado. O coletivo científico é quem suporta os fatos científicos, é pela avaliação competente e criteriosa da

comunidade que essa confiabilidade se erige e é esse processo que é dissolvido quando os cientistas precisam “procurar atrair o interesse das indústrias e, portanto, também aprender sobre os constrangimentos do segredo industrial, da obtenção de patentes e mesmo do lançamento de *spin-off*” (Stengers, 2023).

Diante da economia do conhecimento, para sobreviver, os cientistas precisam se mobilizar segundo interesses comerciais e a lógica de mercado. Dito de outro modo, serão privilegiados, em detrimento de outros, alguns temas de pesquisa que tenham potencialidade de gerar valor econômico e que, em consequência disso, também interessa a periódicos acadêmicos imbricados nesta lógica de mercado, controlados por grandes conglomerados que visam sobretudo o lucro. Lógica essa que impacta de forma desigual pesquisadores que não estão nos grandes centros europeus e norte-americanos de produção científica. A consequência desse arranjo é o acirramento da competição entre as equipes de pesquisadores pelos escassos recursos de financiamento e, internacionalmente, marginaliza ainda mais o conhecimento produzido em países mais pobres que ficam reféns de taxas abusivas de publicação (Reche, 2023).

Pérez-Bustos coloca que a geopolítica do conhecimento “constrói formas únicas de ignorância sistemática do que está acontecendo na América Latina por parte dos acadêmicos anglo-saxões” (Pérez-Bustos, 2017, p. 61), ignorância essa sustentada em parte pela monetização da academia e de sistemas de medição da produção de conhecimento.

Como bem demonstra Pérez-Bustos, há algo de inaudível na produção científica nas margens, seja na produção do “sul global” com relação aos centros europeus e norte-americanos, como no conhecimento que não adere à lógica de mercado. Eu daria um passo a mais e diria que se é inaudível é porque há um processo de silenciamento (Orlandi, 2013). O que significa dizer que a *fast science*, como descrita, define uma condição de produção dos discursos científicos que interditam certas possibilidades do dizer.

Retomando a questão dos relatórios do IPCC, eles têm uma dimensão diferente já que se trata de documentos político-científicos. O processo de produção dos relatórios prevê revisões que passam por especialistas e também pelos governos, que enviam comentários sobre o documento (IPCC, 2013b). Os relatórios, que servem em grande parte para informar as negociações internacionais do clima, de acordo com o documento que apresenta os princípios que regem o trabalho do IPCC, “devem ser neutros em relação às políticas, embora possam precisar lidar objetivamente com fatores científicos, técnicos e socioeconômicos relevantes para a aplicação de políticas específicas” (IPCC, 2013a, p. 1). O texto dos relatórios é entrecortado por uma suposta neutralidade de não prescrição de políticas, o que quer dizer que a divisão ciência/política ainda é muito presente, ainda que as duas dimensões se relacionem na produção do documento.

Em março deste ano, a revista *Socialter* convidou Stengers a escrever uma carta aos cientistas do IPCC, que ela também endereça aos cientistas leitores dos relatórios. A carta apresenta um alerta aos cientistas:

Que a maioria de vocês continue afirmando que a ciência é “apolítica” e que serve a um interesse maior do que os interesses “pé no chão” dos humanos comuns, é o contrário da imaginação: o imaginário. A imaginação é cultivada através do contato com os outros, que pensam e sentem de forma diferente, ao passo que o “imaginário” é transmitido de geração em geração, de modo essencialmente repetitivo e estereotipado. Quando os cientistas reclamam, é sempre para seus antigos aliados. Como se fossem acabar entendendo que só o livre avanço do conhecimento pode lhes trazer o que a “sociedade” espera da “sua” ciência. Aprender a tecer vínculos com os afastados e afastadas seria sair da zona de conforto de um imaginário que os protege da “política”. Mesmo aqueles que são especialistas em climatologia têm a maior

dificuldade de sair dessa zona de conforto (Stengers, 2023).

Aqui, quero fazer mais uma aproximação com a Análise de Discurso. O imaginário, no sentido proposto por Stengers, é a repetição do mesmo pelo sujeito limitado no seu percurso de sentidos pelo silenciamento da *fast science*. Orlandi (2013) propõe duas formas para o silêncio. Uma delas é o silenciamento, ou política do silêncio, que se configura pelo fato de que ao dizer algo inevitavelmente outros sentidos possíveis são silenciados. A outra é o silêncio fundador, condição necessária para os sentidos, mas que também “indica que o sentido pode sempre ser outro” (Orlandi, 2005, p. 83).

Para Stengers, a imaginação é a abertura para outros sentidos possíveis e isso se dá por meio da criação de vínculos com outros coletivos que não os antigos aliados — mercado, indústria etc. —, sejam eles humanos ou não-humanos. A proposta de desacelerar é a de levar a sério os questionamentos destes coletivos que não os científicos. Na carta aos cientistas, ela faz um chamado para que os cientistas deixem seu papel e deixem-se afetar pela situação. Enxerga, ainda, em Greta Thunberg, ou seja, no ativismo, algo que os cientistas do IPCC não conseguiram fazer:

[...] designar os inimigos, aqueles que, imperturbavelmente, continuam a sua obra de morte. Prejudicá-los tanto quanto possível e, ao mesmo tempo, reaprender as práticas de resistência, de cooperação e de solidariedade que despertam os sentidos e a imaginação contra o desespero (Stengers, 2023).

## REFERÊNCIAS

IPCC. **PRINCIPLES GOVERNING IPCC WORK**. [S. l.: s. n.], 2013a. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/2018/09/ipcc-principles.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2022.

IPCC. **Procedures for the preparation, review, acceptance, adoption, approval and publication of IPCC reports**. [S. l.: s. n.], 2013b. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/2018/09/ipcc-principles-appendix-a-final.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2022.

Latour, B. **Jamais Fomos Modernos: Ensaio de Antropologia Simétrica**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

Orlandi, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Editora Pontes, 2005.

Orlandi, Eni Pulcinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 3. reimpr. Campinas, SP, Brasil: Editora da Unicamp, 2013.

Pérez-Bustos, T. “No es sólo una cuestión de lenguaje”: lo inaudible de los estudios feministas latino-americanos en el mundo académico anglosajón. **Scientiae Studia**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 59, 14 jun. 2017.

Reche, C. **Montando Armadilhas: Por uma Ciência Insurgente e Alegre**. 2023. **Platypus**. Disponível em: <https://blog.castac.org/multilingual/montando-armadilhas-por-uma-ciencia-insurgente-e-alegre/>. Acesso em: 16 jun. 2023.

Stengers, I. **Another science is possible: a manifesto for slow science**. English edition. Cambridge ; Medford, MA: Polity, 2018.

Stengers, I. Isabelle Stengers: carta aos cientistas que leem os relatórios do IPCC. 2023. **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**. Disponível em:



<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/627333-isabelle-stengers-carta-aos-cientistas-que-leem-os-relatorios-do-ipcc>. Acesso em: 14 jun. 2023